

DEBATES

SONARÍADE: Debatendo música, linguagem e cérebro

Prof. Dr. Manoel Veiga

Prof. Dr. Jamary Oliveira Filho

Profa. Dra. Karina de Oliveira Santos Cordeiro

Prof. Dr. João Carlos Salles Pires da Silva

Apresentação: Prof. Dr. Ricardo Mazzini Bordini

Moderador: Prof. Dr. José Maurício Vale Brandão

Transcrição e edição de vídeo: Equipe SONARE / EMUS-UFBA

Resumo / Introdução

O presente trabalho é resultado da iniciativa do Sonare - Centro de Produção, Documentação e Estudos de Música que, com o apoio da Universidade Federal da Bahia, principalmente através da sua Escola de Música, conseguiu materializar a 1ª Sonariade, primeira da série de eventos online dedicados a debater temas de interesse à área de música de forma multidisciplinar com participação de convidados especialistas nos diversos campos do conhecimento envolvidos em cada oportunidade.

Assim, acolhendo uma provocação temática proposta por Manoel Veiga, os demais autores responderam à altura, a partir de suas respectivas especialidades. O texto aqui presente inclui apenas a provocação enviada com antecedência, assim como a apresentação encaminhada ao evento pelo decano Veiga. Visando não trair a espontaneidade dos participantes e demais recursos utilizados, as respostas apresentadas, assim como as outras partes do evento online foram mantidas no formato audiovisual original e se encontram disponíveis através dos links correspondentes.

Summary / Introduction

The present work is the result of an initiative by Sonare - Center for Production, Documentation and Music Studies which, with the support of the Federal University of Bahia, mainly through its Music School, managed to materialize the 1st Sonariade, the first of the series of online events dedicated to debating topics of interest to the music field in a multidisciplinary way, with the participation of invited experts in the various fields of knowledge involved in each opportunity.

Thus, welcoming a thematic provocation proposed by Manoel Veiga, the other authors responded accordingly, based on their respective specialties. The text presented here only includes the provocation sent in advance, as well as the presentation sent to the event by Dean Veiga. In order not to betray the spontaneity of the participants and other resources used, the answers presented, as well as the other parts of the online event, were kept in the original audiovisual format and are available through the corresponding links.

Resumen / Introducción

El presente trabajo es fruto de una iniciativa de Sonare - Centro de Producción, Documentación y Estudios Musicales que, con el apoyo de la Universidad Federal de Bahía, principalmente a través de su Escuela de Música, logró materializar la 1ª Sonariade, la primera de la serie de eventos online dedicados a debatir temas de interés para el campo de la música de forma multidisciplinar, con la participación de expertos invitados en los distintos campos del conocimiento involucrados en cada oportunidad.

Así, acogiendo con satisfacción una provocación temática propuesta por Manoel Veiga, los otros autores respondieron en consecuencia, en función de sus respectivas especialidades. El texto aquí presentado solo incluye la provocación enviada con anticipación, así como la presentación enviada al evento por Dean Veiga. Para no traicionar la espontaneidad de los participantes y demás recursos utilizados, las respuestas presentadas, así como el resto de partes del evento online, se mantuvieron en el formato audiovisual original y están disponibles a través de los enlaces correspondientes.

Texto como provocação [notas do Editor]

Em antecipação ao evento online, Manoel Veiga enviou aos especialistas convidados, a título de provocação, a seguinte mensagem via e-mail:

MENSAGEM INICIAL DE MANOEL VEIGA:

Caríssimos amigos e colegas: Sou apenas um velho limitado pela ignorância e a surdez. Nenhuma de minhas perguntas é uma inquirição. Sintam-se absolutamente livres em selecioná-las ou desprezá-las, ou permutá-las entre vocês. *Per tutti elou ad libitum*.

Perguntas contextualizadas: “Música, Linguagem e Cérebro”, nosso tema. Vimos diversidade no âmbito da própria música ocidental de paradigma europeu contestado por compositores norte-americanos. Temos também uma enorme diversidade nas músicas do mundo e do Brasil. Essa diversidade é encarada conforme uma variedade de pontos de vista que podem ser resumidos numa tendência monotética, buscando leis e universais, e numa tendência idiossincrática, enfatizando a diferença: idioletos, áreas musicais, retalhos específicos de música nos estudos e nas concepções.

PARA TODOS: **Por que** música? O que é música?

AO DR. JAMARY: Música e cérebro, cérebro e mente, como funcionam? Esses homúnculos, como neurocientista pode nos explicar melhor?

Somos todos iguais, homens e mulheres? Ou muito parecidos? Adolfo Bastian (1826-1905) nos fala sobre a unidade psíquica da humanidade. Somos todos iguais ou muito parecidos, compartilhando uma estrutura psíquica básica. Esta tornou-se a base de outras formas de estruturalismo do século XX, e influenciou as ideias de Carl Jung do inconsciente coletivo. **Como se aplica isso à música e aos músicos? Repertórios de mulheres.**

À DRA. KARINA: Talvez queira nos ajudar nesse paralelo, *langage e langue*, se música pode ser tida como linguagem. **Música como linguagem? Conotativa? Denotativa? Que é isso?** Que acha do seguinte comentário de Lévi-Strauss?

... o fato de a **música** ser uma linguagem [...] e de, entre todas as linguagens ser esta a única que reúne as características contraditórias de ser **ao mesmo tempo inteligível e intraduzível** - faz do criador de música um ser igual aos deuses, e da própria **música, o supremo mistério das ciências do homem**, contra o qual elas esbarram, e que guarda a chave do seu progresso. (Grifos nossos)¹

Como seres espirituais temos 6 faculdades mentais que são: **1) Razão; 2) Memória; 3) Percepção; 4) Força de Vontade; 5) Intuição; 6) Imaginação.** Segundo o Dicionário Houaiss:

faculdade *Datação:* s. XV

n substantivo feminino

1 possibilidade, natural ou adquirida, de fazer algo; capacidade

2 aptidão natural; dom, talento

8 *Rubrica: filosofia.*

cada uma das diversas utilizações, atividades ou subdivisões da alma, que receberam denominações e caracterizações heterogêneas na história da filosofia

Por sua vez, o mesmo verbete, agora Dicionário Aurélio, informa:

¹ Claude Lévi-Strauss, *Cru e Cozido*, Trad. de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 37.

faculdade[Do lat. *facultate*.]**Substantivo feminino.**

1. Capacidade, natural ou adquirida, de fazer alguma coisa:

faculdade de enxergar, de cantar.

2. Aptidão inata; disposição, tendência, talento, dom:

Tem especial faculdade para falar línguas

Faculdade mental inata que torna possíveis a aquisição (4) e o uso de uma ou mais línguas.

Faculdade mental. 1. **Psicol. Psiq.** Cada uma das funções da mente (a vontade, a memória, etc.).

AO DR. JOÃO CARLOS: Nicola Abbagnano tem um verbete “Música” em seu *Dicionário de Filosofia*. Respeito sua recomendação de que não se aprende a filosofar em dicionários. Mas é que não sei como uma instituição séria me deu um Ph.D. Nesse longo verbete, Abbagnano o inicia dizendo: “Duas são as definições filosóficas fundamentais que foram dadas da **música**. A primeira é a que a considera como revelação ao homem de uma realidade privilegiada e divina: revelação que pode assumir ou a forma do conhecimento ou do sentimento.”² (Grifos nossos) A outra a aborda como mera sintaxe dos sons. **Há uma filosofia da música? E como difere da estética musical?**

Metafisicamente, como algo que a humanidade recebe de fora, como um presente de deuses ou heróis [Apolo, Orfeu, Jubal, Jurupari – os instrumentos, o legislador que restituiu o poder aos homens] ou como uma sintaxe dos sons -- linguagem pelo que me parece. Em seguida passa a fazer uma revisão histórica de filósofos e sua posição em relação a música, alguns favoráveis, outros não tanto. Poderia nos falar sobre posicionamentos de filósofos em relação a música? Parece-me que o Abbagnano foi um existencialista, mas ao mesmo tempo crítico de Sartre. **Música pode prescindir de controles sociais? A censura é dos textos ou da música?**

A que chegamos? Música como símbolo não consumado (*alla* Susanne Langer)?³ Tudo é símbolo, me disse Alan Merriam.⁴ Há uma filosofia das formas simbólicas? Estética e Poética (*alla* Romano Galeffi, o estudioso de Benedetto Croce [1866-1952]).⁵ Existe uma estética comparativa? Transcultural? *Alla* Batista Neves: estética como um detalhe de sistema filosófico?⁶

Como se chega a uma verdadeira interdisciplinaridade?

2 Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, Trad. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 2007, p. 689.

3 Cf. Susanne K. Langer, *Filosofia em nova chave*. Trad. Janete Meiches e J. Guinsburg. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.

4 cf. Alan P. Merriam, *The anthropology of music*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1964.

5 Cf. Romano Galeffi, *A autonomia da arte na estética de Benedetto Croce*. Coimbra: Atlântica, 1966.

6 Cf. Joaquim Batista Neves,

Minha versão de leitura para a I Sonariades

Manoel Veiga

Universidade Federal da Bahia | Orcid: 000-002-1799-3746

Diversidade

Agradeço aos colegas e amigos do SONARE a gentil intimação para estar aqui: sou o decano. Estou diante de pessoas notáveis, às quais respeito, sem capacidade de retribuir-lhes à altura. Etnomusicólogos não patinam em atoleiros conceituais, como venho fazendo desde 2012. Longe do trabalho de campo, todavia, e com mais de noventa anos, já perdi a capacidade de me reinventar, mas resta ainda a vontade de aprender. Reconheço então que tenho culpa. O tema “Música, linguagem e cérebro”, não foi criação de Ricardo Bordini e de Pablo Sotuyo, nem tampouco minha, mas assunto de muitos estudos anteriores cuja literatura não levantei, nem poderia abordar. Nosso tema me fez perversamente optar pela **questão das origens**, um dos temas mais especulativos a que a Etnomusicologia de tempos em tempos se entrega.

A música é um **fenômeno emergente, de grande complexidade**. Abordei isso antes (VEIGA, 2020) em termos de relevância? **Ciências musicais para que?** Pergunta grosseira e até ofensiva que precisei fazer, mas de uma segunda ordem. **Deveriam** precedê-la perguntas primárias, mas não menos complexas: “**Por que a música?**” “**O que é música?**”.

Curiosamente, os próprios músicos não colocam o problema de uma definição universal de música entre suas prioridades. Isso vem de um etnocentrismo arraigado e de uma despreocupação ou desconhecimento da diversidade das músicas do mundo. Daí resultam uma **sacralização** do recorte específico de música que praticam e um **sacerdócio** que os faz produtores de metáforas, às vezes muito ricas, mas sempre localizadas: os “farelos”, a que me refiro, de caçadas a um elefante. Não estão sozinhos.

Etnomusicólogos são musicalmente gulosos. Diante dessa diversidade, optam entre duas abordagens distintas: a **nomotética**, que busca universais empíricos e leis, e a **idiosincrática**, seu oposto, que reconhece a diversidade e se vale de aportes sociológicos no tempo (**períodos históricos**) e no espaço (**áreas musicais, ciclos de cultura**), bem como psicológicos e linguísticos (**idioletos**, as músicas que cada um tem na cabeça).

O problema das origens de música nos coube por default, ainda assim abordado por etnomusicólogos do porte de Kurt Sachs⁷ e Jaap Kunst em obras como *The Rise of Music in the Ancient World, East and West* (1943) e *The Wellsprings of Music* (1959). Mas os que ainda especulam sobre as origens não o fazem mais em busca de **tipos** de música praticados em tempos remotíssimos por via de métodos comparativos ora rejeitados⁸, nem de **como** e **quando** se chegou lá, mas enfatizando a **necessidade de música**.

Minha opção por esse tema, como provocação, se deve à presença do neurocientis-

7 Sachs ligou as origens de música à palavra (logogênicas) e à emoção (patogênicas) e tentou identificar, como antiquíssimas, melodias em “tumbling strains”, talvez molduras como o “shout and fall” (música afro derivada norte americana), ou tensões cadentes. Difícil traduzir ou descrever isto em palavras!

8 Do tipo “nossos antepassados vivos” [primitivos / exóticos], ou “o que fazem as crianças”, em questão a criatividade do homem: muita (evolucionismo, criação repetida paralelamente), pouca (difusionismo). Os termos “primitivo” e “exótico” estão banidos dos dicionários de música.

ta, do filósofo e da educadora aqui presentes. Uma série de documentos auxiliares foram disponibilizados, mas não posso esperar que todos tiveram tempo e paciência para lê-los, nem isto me parece indispensável.

Há uma tradição entre nós de que músicos não falam, fazem coisas. Isto nos torna irritadiços, mas asseguro que jamais disse, ou insinuei, que a Estética fosse uma “picaretagem”. Não sei donde nossa autoridade maior em Benedetto Croce [o saudoso Romano Galeffi] tirou essa ideia, mas talvez a inferisse da pouca atenção que nossos compositores, em particular, dão à Estética. Oleiros, sabedores de como o pote é feito, não gostam de que lhes ensinem como ele deva ser feito.

Peço-lhes que não me considerem opinioso, além de incompetente, tendo a advertência de um de meus mestres na UCLA, Boris Kremenliev (1911-1988), da Bulgária, ainda badalando em meus ouvidos velhos e surdos: “*Don't be opinionated*”. Confesso, porém, que não me preocupo muito com o **belo musical**; ponho o **funcional** e útil na frente.

Tomei dois compositores norte-americanos e duas obras, tentando ilustrar a diversidade tanto para com a dominante tradição eurocêntrica, quanto entre eles próprios. Charles Ives, aliás, não parece ter tido nenhuma preocupação com **beleza**; John Cage talvez nem se tenha preocupado com o tradicional conceito de composição que, conforme nos diz Ilza Nogueira, envolve sempre **sons manipulados**. Ainda fica em dúvida se são sons **humanamente** manipulados apenas, o que deixa fora cantos de pássaros como os uirapurus de Villa-Lobos, entre outros animais que se comunicam com sons.

A musicofilia, da qual sofro, aparece assim aqui generalizada, não alucinações como a descreve Oliver Sacks.

Unidade psíquica

A Antropologia é uma preferência dos etnomusicólogos, entre as ciências humanas, por ser a que se ocupa do estudo do homem em todos seus aspectos, **holismo**. Tradicionalmente, inclui a antropologia física, a antropologia social ou cultural, a arqueologia e a linguística.

A **unidade psíquica**, isto é, a ideia que a humanidade compartilha de uma estrutura psíquica básica é fundamental; influenciou estruturalistas do século passado e municiou as ideias de Carl Jung do inconsciente coletivo. Qualquer racismo e eugenia estão fora de questão. Lembro do orgulho de D. Alexandrina Ramalho, nos seus constantes esforços frente à Sociedade de Cultura Artística da Bahia, apresentando-nos Marian Anderson como uma grande cantora “**negra**”. D. Alexandrina, ela mesma cantora, acreditava que a belíssima voz da grande contralto era um produto de **raça**, não da **cultura**. Raça, entretanto, nada tem a ver com música, assim me ensinou H. J. Kwabena Nketia, meu sábio e querido mestre, um Ashanti de Ghana.

Antropólogos têm consistentemente mantido em suas teorias as ideias de **evolução, estrutura, sistema, função e relativismo cultural**. Aqui apenas toco na evolução do “*Homo musicus*”, o que cria, executa e ouve música.

A evolução humana é o processo evolutivo dentro da história dos primatas que levou ao surgimento do *Homo sapiens* como uma espécie distinta da família homínida, que inclui os grandes macacos. Sabe-se que esse processo, muito complicado, não foi linear e que envolveu o desenvolvimento de traços como o **bipedismo** humano, a **linguagem**, a **encefalização**, o **dimorfismo sexual**, a **oposição ulnar**, assim como cruzamento com outros homínídeos.

A fase recente dessa evolução é ilustrada por paleontólogos e arqueólogos na ordem de **180.000** anos (Garganta Oduval, norte da Tanzânia) e com um comportamento “moderno” desde **73.000** anos (Caverna Blombus, África do Sul, isto é, com contas ornamentadas, ferramentas de ossos cinzelados com apuro), antes do que se pensava fosse a chegada desses humanos à Europa.

A divergência dos chimpanzés, nossos parentes mais próximos, com traços de canibalismo que em tempos tão remotos possivelmente partilhamos, se situa entre **cinco e oito milhões** de anos. O que nos importa mais é que essa longa evolução foi **de uma maneira não especializada, em nosso caso**. Nossas mãos tornaram-se máquinas para produzirem máquinas, já que fomos deixados com cabeçorras, fisicamente débeis, sem pelagem adequada e dependentes do que inventamos e que também destruimos. Daí meu namoro e conversa com meu polegar*.

Entre **70.000** e **30.000** anos aparentemente a evolução biológica cedeu lugar a uma **revolução cultural**. Entre pinturas rupestres e achados arqueológicos, já se tem evidência de **instrumentos** não necessariamente musicais, ou talvez nem mesmo instrumentos, com **67.000** anos de idade.

O objeto esculpido chamado de **flauta Divje Babe** (da Eslovênia) pode estar entre **43.400** anos e **67.000**, dentro da faixa da revolução cultural. O que seria uma boa pergunta (uma teleologia, entretanto) seria questionar se a música vocal e a música instrumental tiveram a mesma origem e a mesma natureza. Creio que não.

Para as especulações em torno das **origens** e da **evolução** da música tenho dado preferência ao funcionalismo puro ou psicológico de Bransilaw Malinowski, como base. Sei que é criticado por ser estático, diante da dinâmica da cultura, que tampouco se aplica muito bem aos derivados da necessidade que qualificou como **Descanso** (*Relaxation*), uma das sete necessidades básicas individuais, à qual respondem “sistemas de jogo e repouso, como respostas diretas, isto é, organizadas, coletivas; // renovação de pessoal advém como resposta instrumental, essa abrangida pela **Educação**, tudo isso em necessidades simbólicas de natureza mais ampla e integrativa tais como “Transmissão de experiência por meio de princípios precisos e consistentes” (**Conhecimento**), “Meios de controle intelectual, emocional e pragmático do destino e do acaso” (**Mágica, Religião**), “Ritmo comunitário de recreação, exercício e repouso” (que atribuiu conjuntamente à **Arte, Esportes, Jogos e Cerimonial**). Há ainda uma última das categorias de Malinowski que designou abrangentemente como **Sistemas de Pensamento e Fé**.

Entre as críticas a Malinowski deve haver lugar também para as **disfunções**, como ora as sofre o povo Afeganistão: uma sociedade com o que poderíamos chamar de uma **saúde cultural** tragicamente comprometida.

A música como fruto do processo de evolução humana, sua **necessidade**, portanto é contestada. **Steven Pinker** chega a considerá-la um **cheesecake auditivo**. Para ele, canadense-americano prestigioso nas áreas de psicologia evolutiva, psicologia experimental, ciência cognitiva, psicolinguística e cognição visual,

“No que diz respeito a causa e efeito biológicos, a música é inútil (...) [Ela é um] cheesecake auditivo, um confeito requintado feito para agradar os pontos sensíveis de pelo menos seis de nossas faculdades mentais. Uma peça padrão, faz cócegas em todas de uma vez, mas podemos ver os ingredientes em vários tipos de música-não-muito-música que deixam uma ou mais delas fora.”

Isso nos traz à **musicologia evolutiva, um subcampo da biomusicologia**, que fundamenta os mecanismos cognitivos da apreciação da música e da criação musical na teoria evolutiva. Abrange a comunicação vocal em outros animais, teorias da evolução da música humana e universais holoculturais na capacidade musical e processamento. **Não sei nada sobre isso!** Há uma variedade de receitas adoráveis de cheesecake, mas o cheesecake de Pinker tem um sabor deveras sensacionalista.

Linguagens

Mais assustadora é a asserção de que música pode causar crises epiléticas. A **epilepsia musical** existe e tem sido observada em termos da correlação música, linguagem e cérebro. O tratamento tem envolvido remoção de partes afetadas do encéfalo.

Um outro famoso compositor norte-americano, **Milton Babbitt** (1916-2011), também **teórico e matemático**, costumava advertir contra a superficialidade tentadora da concepção de música como linguagem, o que é, mas que tem diferenças grandes em relação à linguagem de nossa comunicação secular. **Não sei o que seria o equivalente da palavra em música.** A necessidade de respirar talvez nos permita falar de **frases**, no vocabulário musical. Buscávamos isso em nossas transcrições mecânicas de música por melógrafos que herdamos e adaptamos dos estudos linguísticos, mas não encontro nada comparável à palavra, em música, isto é, um conjunto de sons articulados que expressem significados com a precisão da palavra. Música é intraduzível, mas também não traduz

A fala sobre música está sempre presente nas culturas. Musicólogos são os que se preocupam com uma fala científica sobre música (*Musikwissenschaft*), daí resultando três problemas clássicos: o do discurso musical, que não necessita intermediação; o do discurso musicológico, que é uma fala sobre música; e o da relação entre os dois discursos. A verbalização de uma prática musical tem ocorrido, na civilização ocidental, quando essa prática está se esvaindo; aí surgem os tratados, tentando codificar a antiga prática. Há casos, entretanto, em que a fala vem antes e a **música nova** passa a ser criada como uma comprovação dela. Isso tem ocorrido, coincidentemente, a cada trezentos anos

Povos ágrafos, é necessário lembrar, têm **teorias subjacentes** à música que praticam, tácitas, sem as quais essas músicas desapareceriam no processo de transmissão oral. É impossível, portanto, excluir a erudição dos ingredientes que toda **música precisa**. A dicotomia popular/erudito não tem sentido intrínseco; o “popular” precisa de uma tipologia para ser entendido. Fico com o **continuum**, de Mantle Hood, em que todos os graus entre o totalmente ingênuo e o produto completo de laboratório estão em sequência num eixo que se fecha sobre si mesmo. Desvendar essas teorias é uma das tarefas do etnomusicólogo.

Concepções distintas do fenômeno musical é a regra, já dissemos, se o tempo permitisse, poderíamos dar uma série de exemplos à base de citações. Preenchi uma página com alguns, *ad libitum*, incluindo literatos, estetas, filósofos, Darwin, Confúcio, Bíblia e **até um provérbio do Sânscrito.** * (se o tempo do debate der)

Homo musicus

Um dos neurocientistas com formação em música, **Daniel Levitin** (n.1957), contesta Steven Pinker com autoridade e sucesso, quanto ao caráter evolutivo da música, o que é reforçado por considerações de outros, quanto **aos comportamentos humanos**

musicais. Transcrevo um parágrafo esclarecedor que atribuo a Jonathan Geoffrey Secora Pearl e Jon Prince, retirado de *Music in the Social and Behavioral Sciences: An Encyclopedia: Auditory Cheesecake* (Thousand Oakes: SAGE Publications, 2014):

Comportamentos musicais são conhecidos nas culturas humanas e na história humana. Os **instrumentos** para a produção sonora são evidentes no registro arqueológico, que remonta a pelo menos milhares de décadas, e as **capacidades físicas e cognitivas** de produção e percepção do som ritmicamente e melodicamente organizado na linha homínina datam de vários milhões de anos a mais [?!]. **Os comportamentos musicais humanos são caracterizados pela capacidade de inventar, produzir, organizar, alterar e repetir padrões melódicos e rítmicos** de maneiras sofisticadas. Embora específicos para os seres humanos, existem **precursores evolutivos** do comportamento musical em outras espécies (...) que sugerem que a música não é um parasita acidental de capacidades cognitivas específicas do homem. Pode-se afirmar, portanto, que a música em um sentido amplo cumpre a **universalidade** e a **especificidade** das espécies.” (Meus realces)

Deixo os homúnculos e sua música ao oportuno comentário do Dr. Jamarly Fº, apenas projetando alguns exemplos do homúnculo de Penfield*, em sua versão sensorial e motora. Projeto também um pequeno gráfico da seleção de disciplinas essenciais ao processo musical, do ponto de vista de Combarieu*

O que é música?

A Pergunta Não Respondida, não me parece ter resposta. Há os que não desistem e nos fazem refletir, como Bruno Nettl. Outros, com um enorme cabedal de conhecimentos, como Jean Gebser, não vêem possibilidade de expressões não linguísticas genuínas e imediatas serem traduzidas em palavras.

Música, ao contrário da energia sonora que é fraca, **torna-se forte** como uma construção do cérebro humano: A **ENERGIA MUSICAL** que postulo.

HOMENAGENS, RESPOSTAS E DEBATE (em vídeo)

Os vídeos abaixo elencados correspondem às respostas de cada uma dos participantes da I Sonáride, junto ao debate final acontecido durante o referido evento. Os correspondente documentos audiovisuais aqui disponibilizados foram produzidos a partir do registro audiovisual realizado durante a sessão de debate virtual organizada e produzida pelo SONARE em parceria com a Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, em 21 de setembro de 2021.

PARTE 1 - Homenagem à Ryoko Katena Veiga e Jamary Oliveira *in memoriam*
SONARE / Escola de Música da Universidade Federal da Bahia
- link: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ictus/article/view/47238/25764>

PARTE 2 - Apresentação do Prof. Dr. Manoel Veiga Junior
Universidade Federal da Bahia | Orcid: 0000-0002-1799-3746
- link: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ictus/article/view/47238/25765>

PARTE 3 - Resposta do Prof. Dr. Jamary Oliveira Filho
Universidade Federal da Bahia | Orcid: 0000-0003-1915-0423
- link: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ictus/article/view/47238/25766>

PARTE 4 - Resposta do Profa. Dra. Karina de Oliveira Santos Cordeiro
Universidade Federal da Bahia | Orcid: 0000-0002-9136-1383
- link: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ictus/article/view/47238/25767>

PARTE 5 - Resposta do Prof. Dr. João Carlos Salles Pires da Silva
Universidade Federal da Bahia | Orcid: 0000-0002-4872-3465
- link: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ictus/article/view/47238/25768>

PARTE 6 - Debate coletivo.
Prof. Dr. José Maurício Vale Brandão (Moderador)
Universidade Federal da Bahia | Orcid: 0000-0003-2775-1587
- link: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ictus/article/view/47238/25769>

(c) 2021 SONARE & EMUS-UFBA